

O IMPULSO FOTOGRAFICO (des) ARRUMAR O ARQUIVO COLONIAL

MUSEU NACIONAL DE HISTÓRIA NATURAL E DA CIÊNCIA

A exposição "O Impulso fotográfico. (Des)arrumar o arquivo colonial" propõe uma leitura decolonial das imagens e dos objetos científicos das expedições de geodesia e antropologia realizadas aos territórios colonizados por Portugal, entre o final do século XIX e a libertação desses territórios, consumada com a revolução democrática de 25 de abril de 1974.

A exposição surge de um projeto académico, com financiamento público, desenvolvido pelo Instituto de Comunicação da Nova em parceria com o Museu de História Natural e Ciência da Universidade de Lisboa, e resulta de uma curadoria colaborativa e intercultural que reuniu um conjunto de investigadores/as, ativistas e artistas oriundo de três continentes e de lugares sociais diversos.

Com esta exposição, queremos contribuir para a descolonização dos museus, dado o seu importante papel na construção da(s) história(s) e da(s) memória(s) coletivas. Propomos debater os legados do colonialismo português, procurando revelar os pontos de vista silenciados pela versão oficial da história, a dos colonizadores. Esta versão perpetua-se, ainda hoje, nos livros escolares e romantiza o colonialismo como um encontro de culturas, escondendo a violência, a espoliação e divisão territorial, a escravatura, os trabalhos forçados, e a destruição das culturas e saberes dos povos colonizados.

A exposição desenvolve-se em dois núcleos principais. O primeiro mostra as fotografias, álbuns, objetos e documentos da demarcação das fronteiras que constituíram os territórios de Angola e Moçambique; o segundo núcleo, apresenta as fotografias e materiais científicos das missões de antropologia colonial orientada por um programa de estigmatização racista

das populações colonizadas.

As fotografias, filmes e objetos científicos aqui mostrados foram usados pela ciência como tecnologia para visualizar, medir, classificar e arquivar os seus objetos de estudo, num contexto de exploração e extrativismo dos recursos naturais e humanos. Representam práticas de medição dos territórios e dos corpos, parte integrante de um pensamento estatístico do controlo e da vigilância. Permitem, por isso, múltiplas leituras, ao mesmo tempo que levantam inúmeras questões: qual o significado destas coleções no passado, no presente e para as diferentes comunidades? Que marcas deixaram estas imagens enraizadas na sociedade? O que mostrar e como mostrar? Questões sobre o que se vê e o que não se vê, sobre o que não sabemos ver, e o que não nos foi permitido ver. Propomos esta exposição como um (pequeno) gesto de reparação histórica, identitária e cultural, para a construção de uma sociedade mais justa.

Participaram nesta curadoria, por ordem alfabética: António Fernando Cascais; Carmen Rosa; Catarina Mateus; Lorena Sancho Querol; José Luís Garcia; Marinho de Pina; Margarida Medeiros; Nkaka (K4PP4) Bunga Sessa; Rita Cássia Silva; Samira Amara, Sara Fonseca da Graça a.k.a. Petra.Preta; Santos Garcia Simões; Soraya Vasconcelos; Teresa Mendes Flores.

Projeto financiado pela FCT com o nº PTDC/COM-OUT/29608/2017: O impulso fotográfico: medindo as colónias e os corpos colonizados. O arquivo fotográfico e filmico das missões portuguesas de geografia e antropologia.

MISSÕES DE FRONTEIRA

A CONSTRUÇÃO FOTOGRÁFICA DA FRONTEIRA: PROVAS DA INVASÃO

A presença da câmara fotográfica no contexto da demarcação das fronteiras coloniais evidencia o papel geo-estratégico atribuído à fotografia, usada com o propósito de documentar os trabalhos realizados. Estas imagens constituem elementos de tomada de posse dos territórios e do seu enquadramento colonial, através da força do seu imaginário, que se junta à fronteira física, imposta pela força das armas aos povos africanos. Ao contribuírem para a instalação da fronteira, estas imagens, não tendo conteúdo violento, podem ser vistas como violentas. São provas da invasão colonial, então em curso.

A USURPAÇÃO DE ÁFRICA: CONFERÊNCIA DE BERLIM

A conferência de Berlim de 1884/85 pretendia criar os instrumentos de direito internacional que regulassem o comércio e a divisão do continente africano entre as potências europeias. Ali foi desenhado um mapa teórico que era preciso colocar no terreno, e que não só não considerava as fronteiras dos reinos africanos existentes, como os considerava recursos humanos a submeter. As comissões de limites que foram implementadas pelos governos europeus desde então, eram encontros diplomáticos, políticos e militares entre os países cujas fronteiras eram comuns. Foram tiradas centenas de fotografias destes empreendimentos. Os africanos ofereceram resistência permanente.

Missão Geodésica à África Oriental, 1907-1910.
Marco de Pessene [Legenda original] Fotografia
de Carlos Viegas Gago Coutinho [atrib.]
Coleção Fotográfica UL/IICT-CCart 24560



Demarcação da fronteira Sueste de Angola,
1912-1914. Marco L5. [Legenda original]
[Reconhece-se em primeiro plano: Gago
Coutinho, Major Gordon e Costa Santos].
Fotografia de Carlos V. Gago Coutinho [atrib.]
Coleção Fotográfica UL/IICT-CCart 24597



RETRATOS

Na produção fotográfica das missões de delimitação de fronteira é habitual a presença de retratos diplomáticos que celebram e certificam a presença dos representantes de cada governo europeu.

A composição fotográfica confere-lhes destaque através do arranjo das poses, da sua posição ao centro do enquadramento e em primeiro plano, contribuindo para legitimar as suas ações e o seu estatuto de heróis. Existem também retratos coletivos que visam apresentar os trabalhadores, na sua maioria homens negros, representados alinhados e classificados por funções, produzindo-se visualmente o seu enquadramento colonial.



Comissão de Delimitação de Fronteiras Luso-Belga, 1914-1915. Pretos do Dilolo ao serviço da Missão. Pessoal superior da Missão belga-portuguesa. [Legendas originais] Fotografia de António Alberto e Joaquim da Fonseca e Costa. Coleção Fotográfica UL/IICT-CCart 25301 e 25304

AS PALAVRAS IMPORTAM

Em muitas das legendas originais encontramos palavras de cariz racista e depreciativo. A designação dos africanos/as negros/as por "pretos" ou "pretas" é um exemplo. Este tipo de vocabulário fez parte de uma estratégia simbólica de dominação colonial através da depreciação e fixação de identidades estereotipadas. Estas palavras foram frequentemente interiorizadas pelos próprios africanos/as, colonizando as suas mentes.

As legendas enfatizam este efeito de classificação e identificação racista dos representados que condiciona a nossa forma de ver as imagens.

REPORTAGENS PASSO A PASSO

Importante meio de demonstração da "ocupação efetiva", exigida pelas outras potências europeias, as fotografias de fronteira mostram o difícil avanço pelo interior dos territórios e documentam passo a passo as diversas fases dos trabalhos geodésicos. As imagens testemunham a situação colonial com a utilização de centenas de carregadores negros, responsáveis por todos os trabalhos pesados, resultantes da legislação do trabalho obrigatório. Os chefes das aldeias eram intimidados a fornecer esta mão de obra. Por isso, os relatórios escritos descrevem frequentes fugas e formas de evasão por parte dos africanos, bem como inúmeros episódios de agressões contra eles. Aspetos naturalizados e desvalorizados pelas autoridades coloniais da época.

Não encontrava porém ali ninguém, tendo todos os pretos fugido à sua chegada, e só escondendo-se no mato, conseguiria deitar mão de um homem, duas mulheres e algumas crianças, que transportavam mantimentos; apesar de todas as promessas, o café recusou sempre a acompanhá-lo, de modo que, seguindo as instruções recebidas, amarrou-o para o trazer, fugindo a família nessa ocasião.
Relatório de Freire de Andrade, op. cit., p.40

HISTÓRIAS DE RECRUTAMENTOS FORÇADOS E VIOLÊNCIA

Fotografias como esta testemunham a realidade laboral árdua das populações negras, a quem estavam destinados os trabalhos mais exigentes. Contudo, permanecia a acusação, por parte dos colonialistas, de que seriam povos preguiçosos, incapazes de se cuidarem a si próprios. Este era na verdade um argumento para justificar a violência colonial que visava obrigar a trabalhar e justificava a expropriação de terras aos africanos considerados "improdutivos".



Missão de Delimitação da Fronteira Sueste de Angola. 1913 Fotografia de Carlos Viegas Gago Coutinho [atrib.] Coleção Fotográfica UL/IICT-CCart 24323

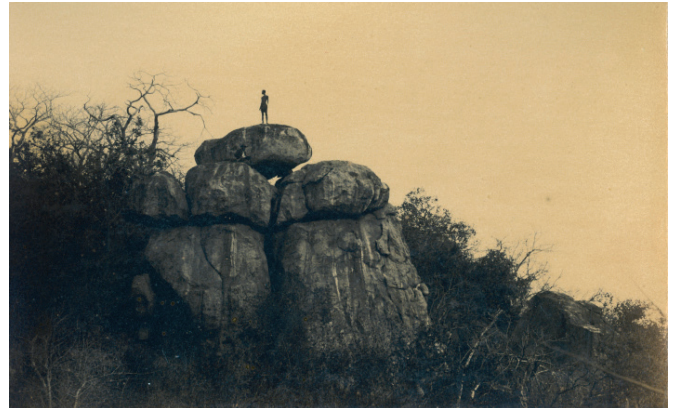
A CÂMARA FOTOGRÁFICA COMO MÁQUINA DE MEDIR

(...) As imagens fotográficas, estando submetidas na sua formação às regras da geometria, permitirão, com a ajuda de um pequeno número de dados, reconstituir as dimensões exactas (...) Num golpe de olho, cada um se aperceberá então, do imenso papel que os procedimentos fotográficos estão destinados a jogar nessa grande empresa nacional [o colonialismo].

François Arago, "Relatório sobre o daguerreótipo", 1839.

PAISAGENS

As fotografias registavam, com frequência, elementos notáveis na paisagem, como rochedos distintivos, que serviam de marcos ou de pontos de referência. Alguns dos quais com outros significados para os povos locais.



Pedra na portela do N' tsintse (por onde passa a linha de fronteira). [Legenda original]. Delimitação de Fronteiras de Lourenço Marques, 1890-91. Fotografia de Andrade, Mezzena e Serrano. Coleção Fotográfica UL/IICT-MGG-Alb3.p31

MOVIMENTO DE EMANCIPAÇÃO NEGRA NA PRIMEIRA REPÚBLICA

No Portugal da década de 1920, Mário Domingues foi o mais importante precursor de um novo ideário, alinhado com as mais clarividentes figuras do movimento negro internacional, contra o racismo e a colonização. Enquanto jornalista e ativista, proporcionou perspectivas coerentes com a "linha de cor" de Du Bois na denúncia da condição política, social e psicológica dos negros e da sua história específica associada à escravatura, ao tráfico de escravos e à colonização. Compreendeu, com grande pioneirismo, a dominação colonial moderna como "colonização-crime" e foi um precursor da defesa do ideal da independência para África num prisma confederal. Mário Domingues soube defender o postulado da igualdade de direitos entre todos os seres humanos sem negligenciar que o processo emancipatório não envolve apenas uma proclamação moral ou legal, sendo necessária a sua efetivação em termos de justiça social, conhecimento e poder.

Hoje, milhares de indivíduos sabem que em África se persegue o negro, que a abolição da escravatura não passa duma autêntica mentira e que a colonização portuguesa apenas se pode designar pela palavra crime! (...)

Todos os crimes que, em nome da civilização, se têm praticado em África têm ficado até hoje impunes, soterrados na sombra do esquecimento, nos segredos dum Estado cúmplice, dum Estado protetor de ladrões, de assassinos. Pois urgia que um pouco de justiça se começasse a fazer.

Para que a opinião justiceira condenasse esses crimes e tentasse evitá-los era necessário primeiramente divulgá-los.

Mário Domingues, A Batalha, 1922.



Retrato de Mario Domingues
Coleção privada

MISSÕES DE ANTHROPOLOGIA

CLASSIFICAR E CONTROLAR A POLÍTICA CIENTÍFICA COLONIAL

Após as primeiras décadas do séc. XX em que o investimento se centrou nos conhecimentos geográficos e cartográficos das fronteiras e suas retificações, criou-se a Junta das Missões Geográficas e de Investigações Coloniais para promover a designada "ocupação científica das colónias", impulsionando-se a ciência como forma de melhorar o conhecimento e a exploração dos recursos naturais e humanos dos territórios a colonizar. Aliando-se às universidades, a Junta promoveu durante décadas, estudos nas diversas áreas científicas, naturais e humanas, focando-se no desenvolvimento dos setores extrativos voltados para o comércio externo. As missões científicas foram um meio indispensável deste processo.

ANTHROPOLOGIA COLONIAL: UMA "CIÊNCIA" RACISTA

A partir de 1936, sob o regime fascista de Salazar, o governo português lança campanhas antropológicas às colónias que visavam fixar e provar cientificamente a existência de raças superiores e inferiores, considerando a branquitude como a norma e único bem. O cultural é explicado pelo biológico. Para isso mediam-se os corpos, retiravam-se amostras de sangue, impressões digitais, pressão arterial e fotografias. Estas eram consideradas as provas cabais da degeneração da "raça negra". Mais do que "ciência", tratou-se de um programa político de dominação.



Manuel Pinto Pimenta, auxiliar antropometrista da Missão Antropológica de Timor: Campanha de 1953-1954. Fotografia de António de Almeida [atrib.] Coleção Fotográfica UL/IICT-MAT 26624

AS MISSÕES ANTHROPOLÓGICAS COLONIAIS PORTUGUESAS

Fundado em 1923, o Instituto de Antropologia da Universidade do Porto foi a entidade científica responsável pelas missões antropológicas coloniais, sempre tuteladas pelo seu diretor, o médico António Mendes Correia (1888-1960). Os trabalhos de campo foram realizados por outros membros desta escola de antropologia física. As fotografias e filmagens eram asseguradas por diferentes membros da equipa.



Trabalhos e campos. Missão Antropológica e Etnológica a Guiné. 1946-47 autor não identificado. Coleção Fotográfica UL/IICT-MAEG 25823

Missão Antropológica de Moçambique, campanhas de 1936, 1937/38, 1945, 1948, 1955/56. · Missão Antropológica e Etnológica da Guiné, campanhas de 1946 e 1947. · Missão Antropobiológica de Angola, campanhas de 1948, 1950, 1952 e 1955. · Missão Científica de São Tomé (Brigada de Etno-sociologia de São Tomé), 1954. · Missão de Geografia Física e Humana do Ultramar, campanhas de 1960, 1961 a Goa, Damão e Diu. · Missão Antropológica de Timor, 1953 a 1975.

BERTILLONAGE: CRIME, IDENTIFICAÇÃO E CASTIGO

Alphonse Bertillon (1853-1914) desenvolveu um sistema de antropometria e de fotografia forense na década de 1880, para a polícia judiciária de Paris, rapidamente adoptado por muitos países (em Portugal data de 1902). Aliado às descobertas sobre as impressões digitais, este sistema visava conseguir identificar criminosos reincidentes, não só porque ficavam sujeitos a penas mais pesadas, como permitiam estudar o crime que se considerava obedecer a um perfil biológico e psiquiátrico de comportamento desviante.

Estas mesmas premissas e metodologias serão aplicadas pela antropologia colonial, cujos povos eram considerados degenerados e capazes apenas de cumprir trabalhos físicos ou de pequena qualificação intelectual.



Ficha de identificação fotográfica. Missão Antropobiológica de Angola. Campanha de 1955. Fotografia de António de Almeida [atrib.] Coleção Fotográfica UL/IICT-MAA 35573

Eis constituídos os dois propósitos maiores da investigação antropobiológica nas colónias portuguesas: a avaliação ergométrica - da capacidade de trabalho - e a avaliação étnico-cultural, das características comportamentais (designadamente as aptidões intelectivas). Eram indispensáveis para o aproveitamento do autêntico "material humano" [...] constituído pelos corpos colonizados ao serviço da ocupação e da exploração colonial.

António Fernando Cascais e Mariana Gomes da Costa, 2019



Impressões digitais e palmares. Missão Antropológica de Timor. Campanha de 1968. © UL/IICT-MAT

CLASSIFICAR E CONTROLAR A POLÍTICA CIENTÍFICA COLONIAL

Após as primeiras décadas do séc. XX em que o investimento se centrou nos conhecimentos geográficos e cartográficos das fronteiras e suas retificações, criou-se a Junta das Missões Geográficas e de Investigações Coloniais para promover a designada "ocupação científica das colónias", impulsionando-se a ciência como forma de melhorar o conhecimento e a exploração dos recursos naturais e humanos dos territórios a colonizar. Aliando-se às universidades, a Junta promoveu durante décadas, estudos nas diversas áreas científicas, naturais e humanas, focando-se no desenvolvimento dos setores extrativos voltados para o comércio externo. As missões científicas foram um meio indispensável deste processo.

AS MISSÕES ANTROPOLÓGICAS COLONIAIS

sua resolução deixaria de ter dificuldades grandes. O indígena africano, vivendo do que a terra fertilíssima lhe fornece espontaneamente como retribuição dum trabalho ligeiro que, em regra, êle não executa, porque obriga as suas mulheres a fazê-lo, não tendo necessidades de vestuários ou quaisquer outras próprias do homem civilizado, só se entrega, por sua iniciativa, à caça ou à guerra, e é-lhe antipático e odioso qualquer trabalho regular. O europeu, chegado às colónias, procurando tirar delas lucros imediatos por uma acção pronta e enérgica, precisando para isso de mão de obra abundante e barata, e não podendo empregar naqueles países tropicais ou sub-tropicais senão a do indígena, porque outra não resiste ao clima, sobretudo para os trabalhos agrícolas, viu-se desde logo em frente da primeira grande dificuldade, e, vendo se na necessidade de a resolver prontamente, fê-lo submetendo os povos conquistados ao regime da escravatura, odioso e brutal.

Trabalho dos indigenas nas colónias portuguesas. Regulamento geral, 14 de outubro de 1914, p.4. Ministério das Colónias, Imprensa Nacional de Lisboa, 1914.

QUANTOFRENIA HOJE E CONTROLO ALGORÍTMICO

As plataformas tecnológicas computacionais de hoje recolhem dados que são objeto de tratamento e análise em função de diferentes valores de uso como a popularidade (visitas), a autoridade (ligações), a reputação (likes ou gostos) e predição do comportamento a partir dos rastros de navegação dos internautas (pegada digital). Entra-se o chamado big data, a ciência dos dados, a inteligência artificial e o machine learning que proporcionam informações para tomada de decisões. O big data engloba infraestruturas, tecnologias e serviços criados para dar solução ao processamento dessas grandes quantidades de dados. No âmago do seu tratamento estão os algoritmos que são instruções matemáticas bem definidas.

No seu conjunto significam a generalização de uma racionalidade calculadora como modo de atuação no mundo, uma razão que converte tudo em previsões, números, eficiência, e que tem vindo a converter-se num instrumento de governação e de administração, que vem já da aplicação intensa da estatística e das probabilidades desde o século XIX.

José Luís Garcia, 2022

DE BOAS INTENÇÕES ESTÁ A (DES)COLONIZAÇÃO CHEIA

A exposição foi pensada para lançar questões. A equipa curatorial quis desafiar os visitantes a deixarem as suas próprias reflexões e sentimentos sobre a exposição e as temáticas abordadas numa parede deixada livre, no final do circuito expositivo. Deixámos algumas das nossas próprias interrogações:

Estaremos a insinuar que existiram boas intenções por trás da colonização?(!!)

E no entanto, não houve quem assim pensasse?

Aliás, não há - ainda hoje - quem o pense?

Por outro lado, devemos questionar os métodos e desígnios por trás do atual ímpeto em descolonizar (ou decolonizar)?

Como cumprir a descolonização sobre formas de organização ainda estruturalmente coloniais?

O tema é controverso.

Por isso criámos o MURAL DAS CONTRADIÇÕES.



INVESTIGAÇÃO ARTÍSTICA

O projecto de investigação que deu origem a esta exposição focou-se na análise do potencial comunicativo e político das imagens, na sua cultura visual e contexto histórico. Abordou também a relação destas imagens com a produção de conhecimento, tanto no momento da sua produção, como no decorrer dos tempos até ao presente. Nesse sentido, propôs-se integrar outras formas de pesquisas e resultados, reconhecendo na investigação artística o potencial de (re)contextualizar e (re)pensar, expondo a carga afetiva subjacente aos conteúdos e materiais estudados e envolvendo dinâmicas tradicionalmente excluídas da instituição académica.

A prova do crime

Nkaka "K4PP4" Bunga Sessa, Soraya Vasconcelos, Gabs Leal, 2022
Zine antirracista (impressão Riso, 70 ex. ed.ICNOVA) e três t-shirts (serigrafia têxtil, 20 ex./cada)

Conversa à volta d'A Prova do Crime

Manuel Dias dos Santos, Nkaka "K4PP4" Bunga Sessa, Soraya Vasconcelos.
4 Junho 2022 (áudio, 50'54'')

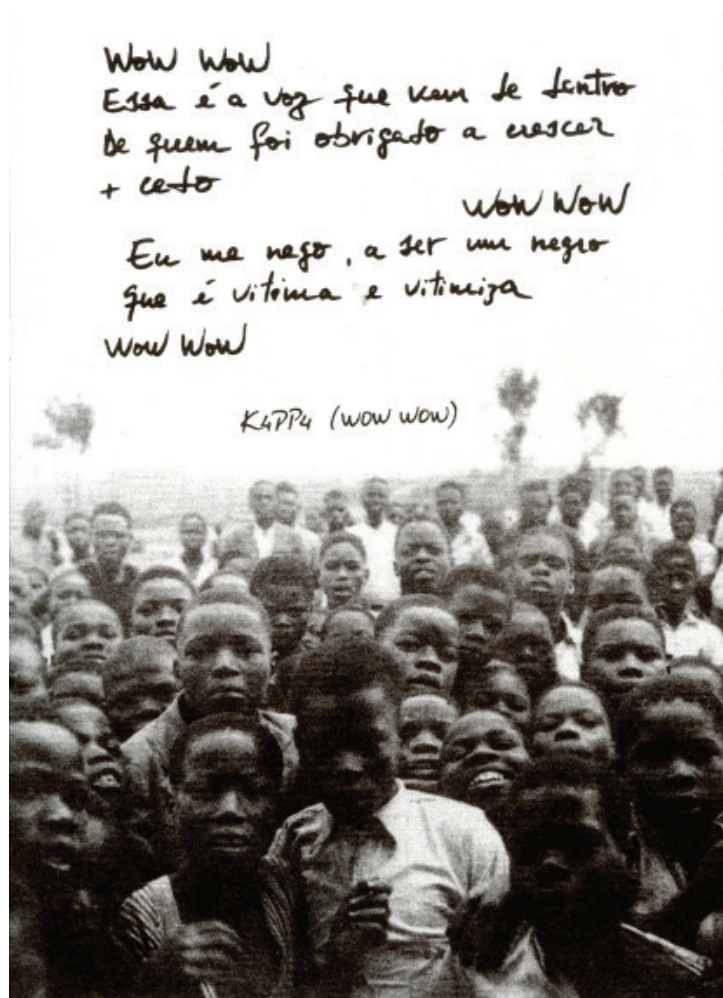
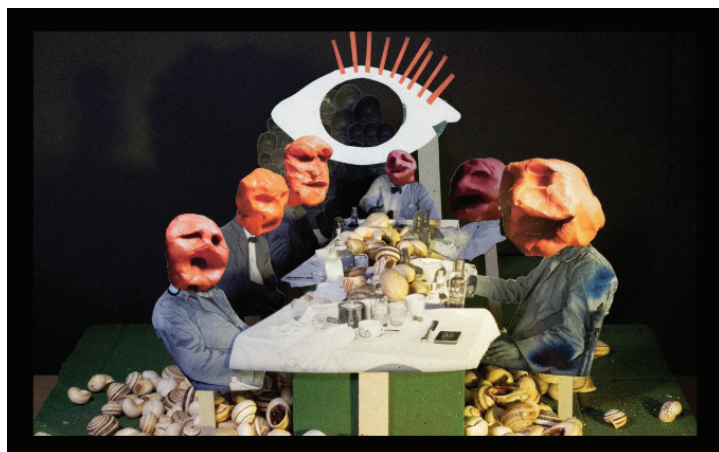


Imagem da t-shirt **A Prova do Crime**, tratada a partir de fotografia original da Missão Antropobiológica de Angola, UL-ICT-MAA 32427



O Festim

Soraya Vasconcelos, 2022
Ensaio fotográfico (video-animação, 9'10'')

ELSE Elsewhere, Somewhere, Anywhere, Everywhere

Helena Elias (em residência com alunos da
E.S. Seomara da Costa Primo, Amadora), 2022
Publicação de autor

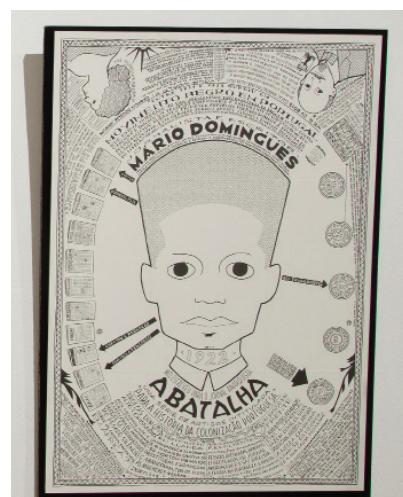


Marcos Emocionais / ELSE - Elsewhere, Somewhere, Anywhere, Everywhere

Helena Elias, assistida por Kannhoa Thor Alhalel, 2022
Instalação de 9 tipos de marcos geodésicos das fronteiras coloniais no claustro do museu. Ensaio fotográfico (video-animação, 9'10'')

Vumbi 2: Mário Domingues

Rita Carvalho, 2021
Impressão offset, mapa narrativo desdobrável, parte integrante do Caderno MICAR: contributos para a 8a edição da Mostra Internacional de Cinema Anti-Racista / coord. Joana Alves dos Santos, Luís Camanho, Rita Ferreira. Porto: SOS Racismo.

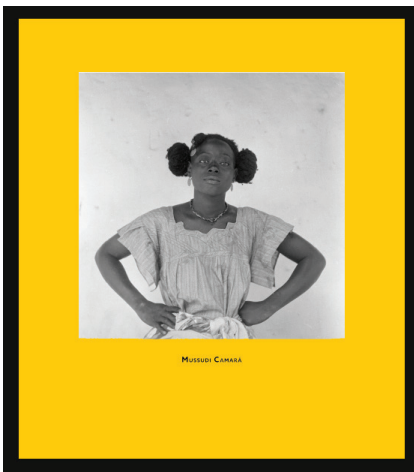




Anós i ba kim? quem somos?
Maria Kowaski (video, 40', 2022)



Coroa - Madalena Miranda, 2022 (video 5')



Mulheres sempre presentes
Carmen Rosa, Soraya Vasconcelos, Catarina Mateus, 2022
Ensaio fotográfico (impressão jato de tinta e impressão direta sobre PVC amarelo)



Encontrar Tereza
Lorena Travassos (a partir de conversas e fotografias de Teresa Sirgado), 2022 .
Instalação (móvel, álbum e provas fotográficas, escultura, material de arquivo)



Porque é que mostramos as horas da luz e da escuridão no mesmo círculo?
(trabalho em curso) Susana de Sousa Dias, 2022
(vídeo 4:3, p&b, som, 10' e impressão sobre papel)

Vozes de Mulheres Negras no Mundo
Rita Cássia, 2022
Instalação (poema, material impresso; articulado com performance)

Filhos de números na era do quantificável
Marinho de Pina, 2022
Poema (impressão em tecido de bandeira)

Quantofrenia (des)medida. Que mais se mede?
Marinho Pina, 2022
Instalação (espelho, vinil autocolante)

LEITURAS

A seleção de livros que pontuam a exposição são propostas de leitura da equipa de curadores que partilha assim alguns dos livros que marcaram a sua investigação e apreensão dos temas abordados.

O Alegre Canto da Perdiz
Paulina Chiziane,
ed. Caminho, 2022

Exterminem Todas as Bestas
Sven Lindqvist [2005].
Editorial Caminho, ed. 2022

Coração das Trevas
Joseph Conrad [1899]. Publicações Europa-América ed. 1999

The Lusophone Luminary
Nansen Magazine, issue 02
Kalaf Epalanga

O kit de sobrevivência do descobridor português no mundo anticolonial
Patrícia Lino [2020].
Ed. Maripoza Azul, 2022

A Afirmação Negra e a Questão Colonial. Textos de Mário Domingues 1919-1928
José Luis García,
Ed. Tinta da China, 2022

Pele Negra, Máscaras Brancas
Frantz Fanon [1952],
ed. 2022, Letra Livre

Memórias da Plantação. Episódios de racismo quotidiano
Grada Kilomba [2008].
Ed: Orfeu Negro, 2019

As Prisões Estão Obsoletas?
Angela Davis [2018]. Ed. Antígona 2022

Matchundadi - Género, Performance e Violência Política na Guiné-Bissau
Joacine Katar Moreira [2021].
Ed. Sistema Solar, 2022

Teoria Feminista
bell hooks [1984].
Ed. Orfeu negro, 2020

FICHA TÉCNICA | CREDITS

CURADORIA | CURATORSHIP

Teresa Mendes Flores
Soraya Vasconcelos
Catarina Mateus

CURADORIA COLABORATIVA | COLLABORATIVE CURATORSHIP

António Fernando Cascais
Carmen Rosa
Lorena Sancho Querol
José Luís Garcia
Marinho de Pina
Margarida Medeiros
Nikita (K4PP4) Bunga Sessa
Rita Cássia Silva
Sara Fonseca da Graça a.k.a. Petra.Preta
Santos Garcia Simões

CONSULTORIA CIENTÍFICA | SCIENTIFIC CONSULTANT

António Fernando Cascais
José Luís Garcia
Lorena Sancho Querol
Margarida Medeiros

ARTISTAS PARTICIPANTES | PARTICIPATING ARTISTS

Gabo Leal
Helena Elias
Lorena Travassos
Madalena Miranda
Maria Kowalski
Marinho de Pina
Nikita (K4PP4) Bunga Sessa
Rita Carvalho
Soraya Vasconcelos
Susana de Sousa Dias

COLEÇÕES | COLLECTIONS

Coleção de Antropobiologia/ICT
Coleção de Fotografia/ICT
Arquivo de Fronteiras/ICT
Equipamento científico/ICT
Mário Domingues/col. privada

LEGENDAGEM | LABELS

Teresa Mendes Flores
Catarina Mateus
Soraya Vasconcelos

CONCEÇÃO MUSEOGRÁFICA | MUSEOGRAPHY

Teresa Mendes Flores
Catarina Mateus
Soraya Vasconcelos

PRODUÇÃO EXECUTIVA | EXECUTIVE PRODUCTION

Catarina Mateus
Soraya Vasconcelos
Teresa Mendes Flores

DESENHO GRÁFICO | GRAPHIC DESIGN

Ana Teresa Ascensão
Tiago Ribeiro

DIGITALIZAÇÃO - PRÉ-IMPRESSÃO | DIGITALIZATION - PRE-PRESS

Bruno Miguel Santos
Henrique Godoy
José Fadolla
Soraya Vasconcelos

SIG | GIS

Inês Pinto

PESQUISA DE DOCUMENTAÇÃO | DOCUMENTATION

Branca Moriés
David Gregório

REVISÃO DE TEXTOS | PROOF READING

Lorena Sancho Querol
Margarida Medeiros
Rita Cássia
Teresa Mendes Flores

CONSERVAÇÃO | CONSERVATION

Catarina Mateus
Joana Sobral

SERVIÇO EDUCATIVO | EDUCATION

Raquel Barata (coord.)

MEDIA | MEDIA

Tânia Ferreira

MONTAGEM-LOGÍSTICA | LOGISTICS

Manuela Carvalho (coord.)
Filipe Paiva
Jorge Prudêncio
Paulo Gabriel

ILUMINAÇÃO | LIGHT

Filipe Paiva

MULTIMÉDIA

Carlos Delgado

IMPRESSÃO FOTOGRAFICA E ACABAMENTO | PHOTOGRAPHY PRINTING

Black Box Atelier

IMPRESSÃO GRÁFICA | GRAPHIC PRINT

L2 Spirit

TRADUÇÃO | TRANSLATION

Margarida Medeiros

SEGUROS | INSURANCE

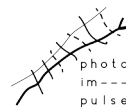
Caravela Seguros

AGRADECIMENTOS | ACKNOWLEDGEMENTS

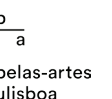
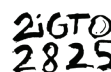
Aida Ferreira
Ana Godinho
Ana Canas
Ana Seiróco
António Coelho
Anouska Ducados
Bruno Ribeiro
Carolina Martins
Catarina Santos
Catarina Simões
Dulce Vieira
Elizabeth Edwards
Elizabeth Vieites Mendes
Emília Tavares
Fernando Quintas
Filipe Guimarães da Silva
Francesca De Luca
Henda Ducados
Inês Pinto
Isabel Martins
Joana Garcia e Costa
Joana Sobral
João Alpuim Botelho
João "cão" Duarte
João Margarido
Joseph Tondá
Manuel L. Dias dos Santos
Márcia Vilarigues
Matilde César
Philipp Teuchmann
Renata Camargo
Richard Cleminson
Sarmira Amaro
Ska Batista
Sofia Valério
Vera Oliveira
Victor Barros
Victor Flores
Toda a equipa do projeto Photo Impu
Centro de dia do CST – Inês (CST),
Lucília (Ota da Corvina), Lurdes
(Trafaria), Carlos (Trafaria), Vicenza
(Trafaria), Cristina (Madame Faber),
João (2º Torrão), Susana (2º Torrão),
Sebastião (2º Torrão), Carlos (Cova do
Vapor), Liliana (Cova do Vapor), Inês.

ENTIDADES EMPRESTADORAS | EXHIBITION LENDERS

Arquivo Histórico Ultramarino
Centro Português de Fotografia
Museu Nacional de Arte Contemporânea



EARLY VISUAL MEDIA LAB



APOIO



Mariposa Azul



museus.ulisboa.pt

